

BOLETIM INFORMATIVO

A REVISTA DO SISTEMA

SISTEMA FAEP



Ano XXVI nº 1429 | 23/04/2018 a 29/04/2018

Tiragem desta edição 26.000 exemplares

CEREAIS

SAFRA DE INVERNO REDESENHADA

sistemafaep.org.br

Aos leitores

A reta final da colheita de verão, com as máquinas nas últimas áreas de soja, transfere o foco do campo para a safra de inverno. Apesar de ainda estar na fase inicial, o desenho estadual já ganha os primeiros traços. Com 100% da semeadura, o milho safrinha registra 300 mil hectares a menos em relação ao ano passado. Na outra ponta, o trigo absorveu parte deste território.

Mas as melhores notícias até o momento para os tricultores e produtores, que apostas nos demais cereais de inverno, vêm do mercado e de São Pedro. A previsão é de um clima estável, totalmente diferente da safra anterior onde chuvas em excesso e geadas derrubaram a produtividade e, conseqüentemente, a produção. Mais, neste início de trabalho no campo as cotações apontam para uma valorização dos alimentos, animando os produtores rurais.

Entusiasmados também estão os pecuaristas paranaenses com a possibilidade do término, nos próximos anos, da vacinação contra a febre aftosa. No dia 1º de maio começa mais uma campanha, que pode ser uma das derradeiras. Entidades públicas e privadas do setor, inclusive o Sistema FAEP/SENAR-PR, trabalham incessantemente, em todos os vieses, inclusive sanitário, para tornar o sonho que se arrasta há 40 anos em uma realidade lucrativa para os produtores de proteína. Afinal, a expectativa, com o fim da vacinação, é acessar mercados que pagam mais pelas carnes.

Boa leitura!

Expediente

• FAEP - Federação de Agricultura do Estado do Paraná

Presidente: Ágide Meneguette | **Vice-Presidentes:** Guerino Guandalini, Nelson Teodoro de Oliveira, Francisco Carlos do Nascimento, Oradi Francisco Caldato, Ivo Pierin Júnior e Valdemar da Silva Melato | **Diretores Secretários:** Livaldo Gemin e Mar Sakashita
Diretores Financeiros: João Luiz Rodrigues Biscaia e Paulo José Buso Júnior |
Conselho Fiscal: Sebastião Olímpio Santarozza, Ciro Tadeu Alcântara e Ana Thereza da Costa Ribeiro | **Delegados Representantes:** Ágide Meneguette, João Luiz Rodrigues Biscaia, Julio Cesar Meneguetti e Mario Aluizio Zafaneli

• SENAR-PR - Administração Regional do Estado do PR

Conselho Administrativo | Presidente: Ágide Meneguette | **Membros Efetivos:** Ademir Mueller - FETAEP Rosanne Curi Zarattini - SENAR AC, Darci Piana - FECOMÉRCIO e Wilson Thiesen - OCEPAR | **Conselho Fiscal:** Sebastião Olímpio Santarozza, Paulo José Buso Junior e Marcos Junior Brambilla | **Superintendência:** Geraldo Melo Filho

• BOLETIM INFORMATIVO

Coordenação de Comunicação Social e Edição: Carlos Guimarães Filho
Redação e Revisão: André Amorim e Antonio Carlos Senkowski
Projeto Gráfico e Diagramação: Diogo Figuei
Contato: imprensa@faep.com.br

Publicação semanal editada pelas Assessorias de Comunicação Social (ACS) da FAEP e SENAR-PR. Permitida a reprodução total ou parcial. Pede-se citar a fonte.

Fotos da Edição 1429:

Fernando Santos, Milton Doria, Nadir Rodrigues, divulgação, shutterstock e arquivo FAEP

ÍNDICE

CULTURAS DE INVERNO

Preços convidativos e adversidades para o plantio do milho safrinha colocam trigo e outros cereais na mira dos produtores paranaenses

PÁG. 3

CENTEIO

Além de saudável, cereal gera benefícios para o solo e ajuda a combater as plantas daninhas

Pág. 6

FEBRE AFTOSA

Campanha que começa no dia 1º de maio pode ser uma das últimas contra a doença no Paraná

Pág. 8

PECUÁRIA MODERNA

Profissionais capacitados no CTA de Ibiporá estão prontos para turbinar a atividade na região Norte

Pág. 10

SINDICALISMO

Técnicos do Sistema FAEP/SENAR-PR visitam sindicatos rurais para colher informações

Pág. 16

AGRO 4.0

Presidente da Embrapa Informática fala sobre a terceira onda de inovação que atinge o campo

Pág. 18

Cotação e janela empurram produtor para o trigo

Milho fora do período ideal de plantio em muitas regiões e o preço do cereal do pão maior em relação à temporada passada redesenham a segunda safra no Paraná

Por Carlos Guimarães Filho



Após uma safra de verão com inúmeros percalços, como seca no plantio, atraso de até 40 dias nos trabalhos em algumas regiões do Paraná e excesso de chuva no desenvolvimento das plantas, os produtores paranaenses iniciam a temporada de inverno otimistas, principalmente em relação ao clima e aos preços. Dos oito principais cereais previstos para o período, seis têm projeção de aumento da produção, de acordo com levantamento do Departamento de Economia Rural (Deral) da Secretaria da Agricultura e do Abastecimento do Paraná (Seab). Apenas milho safrinha e canola apontam para baixa em relação à safra passada.

A queda estimada de um milhão de toneladas na produção do milho safrinha, de 13,3 milhões de toneladas na safra 2016/17 para 12,3 milhões de toneladas na atual, tem relação direta com o preço do alimento na época do planejamento da temporada de inverno. Com cotações longe de atrativas, muitos produtores rurais resolveram reduzir a área. No cenário estadual, quase 300 mil hectares a menos serão dedicados à cultura.

“[A queda de área] está ligada principalmente ao baixo incentivo ao preço de milho segunda safra. Teve um momento, no período de planejamento, que não estava interessante e o pessoal acabou abrindo mão da cultura”,

aponta Carlos Hugo Godinho, economista do Deral.

Na outra ponta, o trigo acabou absorvendo parte desta área. Depois de registrar menos de um milhão de hectares na temporada passada – 972 mil para ser mais exato –, o cereal do pão, cujo o Paraná é o maior produtor nacional, irá ocupar 1,048 milhão de hectares, podendo aumentar nos próximos meses conforme o bom andamento da sementeira e das cotações. “A última safra foi muito ruim. Esse número mostra que o mercado está retomando a normalidade. Mesmo com o preço [do trigo] não tão atrativo da safra passada, o pessoal está voltando”, explica Jonathan Pinheiro, analista de mercado da consultoria Safra e Mercados, localizada no Rio Grande do Sul, segundo principal produtor de trigo do país. A

estimativa é uma produção paranaense de 3,3 milhões de toneladas de trigo, 49% maior em relação à anterior - 2,2 milhões de toneladas.

Na contramão das cotações do milho, as do trigo acabaram seduzindo muitos produtores rurais para o plantio na atual safra de inverno. Em março de 2017, a saca de 60 quilos estava valendo, em média, R\$ 31,73, contra os R\$ 35,25 do mesmo mês deste ano, crescimento de quase 12%. “Na safra 2017/18 houve aumento da produção e do estoque mundial de trigo, o que teve reflexo imediato sobre os preços na temporada”, destaca Ana Paula Kowalski, técnica da área agrícola do Sistema FAEP/SENAR-PR. E as projeções são otimistas para o futuro. Neste mês de abril, na média, a cotação do cereal do pão está na casa dos R\$ 37,71 a saca.

Outros fatores também contribuem para a construção de uma perspectiva positiva para essa safra de inverno. Na temporada passada, o Brasil dedicou a menor área em 10 anos. Na época, para piorar o quadro, por conta das adversidades climáticas, a produtividade não atingiu patamares satisfatórios. Ainda, na Argentina, que fornece boa parte do trigo consumido pelos moinhos brasileiros, também houve redução de quase 4% na produção estimada em 17,5 milhões de toneladas pelo ministério daquele país. “Hoje há pouco trigo disponível. A própria Argentina está avaliando importar de outros países”, diz Ana Paula.

Historicamente, o crescimento das importações cria condições de mercado desfavoráveis para os tricultores do Paraná e Rio Grande do Sul, Estados que juntos contabilizam mais de 90% da produção nacional. No ano passado, o Brasil comprou 7 milhões de toneladas no mercado internacional, principalmente da Argentina. Este ano, as projeções apontam para menos de 6 milhões de toneladas.

A mudança de regras governamentais que favoreceram as exportações no país vizinho fez com que os negócios atingissem a maior marca da história. Diante deste cenário, neste momento, a estimativa do saldo exportável da Argentina é de apenas 2 milhões de toneladas, isso restando praticamente cinco meses para a colheita brasileira e sete meses para a Argentina.

“O câmbio alto acaba sendo positivo para o pessoal daqui, pois dificulta as importações”, aponta Godinho do Deral. “No ano passado, o preço lá fora estava melhor. Agora a cotação no exterior não está tão atrativa. Isso dificulta trazer esse trigo importado”, complementa Pinheiro, da Safra e Mercados.

Para fechar o ciclo para uma projeção positiva para a safra de inverno, como a temporada de verão não atingiu o resultado esperado inicialmente,

Cereal do Pão

Trigo volta a ganhar força na safra estadual de inverno, com expectativa de bons preços e clima favorável.

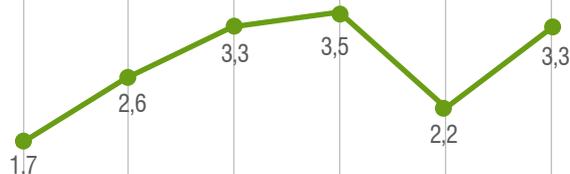
Safra

2012/13 2013/14 2014/15 2015/16 2016/17 2017/18*

Área (em mil hectares)



Produção (em milhão de toneladas)



Produtividade (em quilos por hectare)



*previsão

Fonte: Seab



muitos produtores rurais estão apostando todas as fichas no trigo e demais cereais. “Nós acreditamos em uma safra otimista, levando em consideração principalmente o clima favorável, não só no Paraná, mas também no Rio Grande do Sul, que irá elevar a área de 700 mil hectares para 900 mil hectares”, destaca Pinheiro, da Safra e Mercados.

Demais cereais

Assim como o trigo, as estimativas do Deral apontam para o crescimento da produção de outros cinco cereais: aveia branca, aveia preta, cevada, triticale e centeio (leia mais sobre o cereal da broa na página seguinte).

Apesar do aumento de apenas 7% na área de cevada, de 50,4 mil hectares para 54,1 mil hectares, a projeção é de uma produção 50% maior, na casa das 250,8 mil toneladas. As aveias seguem praticamente na mesma esteira. A branca terá crescimento de 8% da área, de 68 mil hectares para 63 mil hectares, e a preta praticamente a manutenção do território dedicado a cultura – 141 mil hectares. Apesar disso, as produções irão aumentar 23% e 29%, respectivamente.

Na somatória das sete culturas de inverno (aveia branca, aveia preta, canola, centeio, cevada, trigo e triticale), o Paraná irá dedicar 1,3 milhão de hectares com uma produção prevista de 4 milhões de toneladas.

Tempo dentro do normal nos próximos meses

Os tricultores paranaenses iniciam o plantio do trigo com boas notícias em relação ao clima. Pelo menos até junho, as previsões são de que as temperaturas e níveis de chuva fiquem próximo do normal em toda a região Sul do país, segundo o meteorologista Rogério Rezende, do Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet). “Em relação ao inverno como um todo, não se tem uma previsão climática atualizada. Mas ao menos até junho, período que abrange os modelos até o momento, devemos ter condições próximas ao padrão climatológico médio”, comenta o especialista.

Rezende lembra que a região Sul ainda sofre influência do fenômeno climático *La Niña*, que costuma reduzir o volume de chuvas. Porém, até o momento, os registros são de fraca intensidade, o que contribui diretamente para os resultados no campo. “O fenômeno não chega a afetar significativamente o tempo e a tendência é de que vá se extinguir nos próximos meses. Para termos certeza, precisamos aguardar a próxima rodada de modelos meteorológicos no fim de abril, que vai dar um panorama mais claro do período do inverno”, completa.

Cereal da broa

Centeio cresce em área e produção no Paraná, que responde por mais de 70% da produção brasileira

Por André Amorim



Primo mais tímido do trigo e da cevada, o centeio aparece como uma opção interessante para o planejando da lavoura de inverno. Sua farinha vem ganhando espaço nas prateleiras dos supermercados, atendendo a demanda de pessoas que buscam hábitos mais saudáveis de alimentação. No campo também existem benefícios. O cereal pode fazer bem à saúde das lavouras.

Segundo o pesquisador da Embrapa Trigo, Alfredo do Nascimento Júnior, hoje a principal função do centeio é cobertura do solo. Isso se explica pelas suas qualidades agrônômicas. “É uma planta rústica, com sistema radicular agressivo, raiz profunda e grande tolerância a solos ácidos”, explica.

Também é indicado para quem utiliza o Sistema de Plantio Direto (SPD), uma vez que produz uma palhada farta e de alta qualidade, que se decompõe lentamente, protegendo o solo por mais tempo e reduzindo o aparecimento de plantas daninhas. “Isso faz com que o produtor economize entre uma e duas aplicações de herbicidas depois, na soja e no milho”, complementa o pesquisador.

Talvez pela sua finalidade ser majoritariamente para co-

bertura do solo, a cultura tenha informações tão díspares sobre área e produção. “O pessoal planta muito mas colhe pouco, isso confunde os bancos de dados. A produtividade registrada é baixíssima, porque o pessoal planta e usa só para cobertura e pastagem”, observa o pesquisador de cereais de inverno da Fundação Agrária de Pesquisa Agropecuária (Fapa), Juliano Luiz de Almeida.

De acordo com dados da Companhia Nacional do Abastecimento (Conab), o Paraná é o principal produtor nacional de centeio, com mais de 70% do cereal produzido no país em 2017. Isso não é novidade. A série histórica da instituição, com informações das safras desde 1976, traz o Paraná e o Rio Grande do Sul se alternando nas duas primeiras colocações do ranking de produção do cereal.

Segundo o Departamento de Economia Rural (Deral) da Secretaria Estadual de Agricultura e Abastecimento (Seab), o Estado semeou 3.125 hectares no ano passado, sendo as principais regiões produtoras Guarapuava (60%), Ponta Grossa, (22%) e Irati (11%).

Naquele ano a produção ficou em 4.671 toneladas, marcando um rendimento de 1,5 tonelada por hectare.

Apenas para efeito de comparação, a estimativa para 2018 é de área menor para o centeio, 2.790 ha, mas uma produção 35% maior, chegando a 6,3 mil toneladas e rendimento de 2,2 ton/ha, 51% superior ao do ano anterior. A justificativa para esse otimismo está no clima, que deve ser mais favorável nesta temporada.

Em 2017, as culturas de inverno de maneira geral sofreram o impacto de poucas chuvas no plantio e início da fase vegetativa, sem contar geadas inesperadas. Somado isso ao desânimo dos produtores com o preço do trigo, principal cultura de inverno no Estado, a produção tritícola do Paraná foi a menor dos últimos 10 anos, segundo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Campo

A comparação do centeio com seu primo famoso, o trigo, é inevitável. O produtor Elias Gomes da Costa, de Porto Amazonas, na Região Metropolitana de Curitiba, planta ambos para atender a demanda do seu moinho colonial, onde fabrica diversos tipos de farinhas. “Enquanto o trigo fecha 62 sacas por hectare, o centeio fecha 29 sacas. Já o valor para venda é em torno de 20% maior do que o trigo”, explica. A vantagem, segundo ele, é que, por ser uma planta mais rústica, o centeio resiste mais a doenças e a estiagem. “Em setembro e outubro do ano passado o clima foi seco, o trigo teve uma quebra violenta, mas o centeio aguentou firme”, recorda.

Há 20 anos trabalhando com centeio, Costa maneja sua área de cereais de inverno conforme o planejamento dos vizinhos, para que o cereal não falte para a produção de farinhas. “Planto uma faixa de 20 hectares de cada [trigo e centeio], quando vejo muita gente plantando centeio, mantenho a mesma área, porque aí tenho de quem comprar. Quando menos gente planta, eu aumento a área”, explica.

Ao longo dos anos de lida com a cultura, o produtor já observou outras vantagens do centeio. “Nas áreas onde planto há muitos anos, a matéria orgânica no solo é fantástica”, diz. A desvantagem está na hora de planejar o calendário agrícola. Como o ciclo do cereal é um pouco mais longo em relação ao trigo, por volta de 180 dias, a entrada na cultura de verão deve ser bem ajustada, para não perder a janela de plantio. “O ciclo dele é mais longo mesmo, então a gente se adapta. Não tem como fugir, quando colhe lá por 15 de novembro, o plantio da soja tem que ser bem



casadinho”, explica.

Do ponto de vista comercial, Costa observa um aumento na procura por farinha de centeio. “Nos últimos cinco anos, a gente nota um aumento na procura de 50%. A população está procurando uma farinha mais saudável”, avalia. Essa opção fica mais evidente no inverno, segundo o produtor. “Quando esfria tem mais saída da farinha de centeio, pois acho que o pessoal consome mais broa nessa época”, diz.

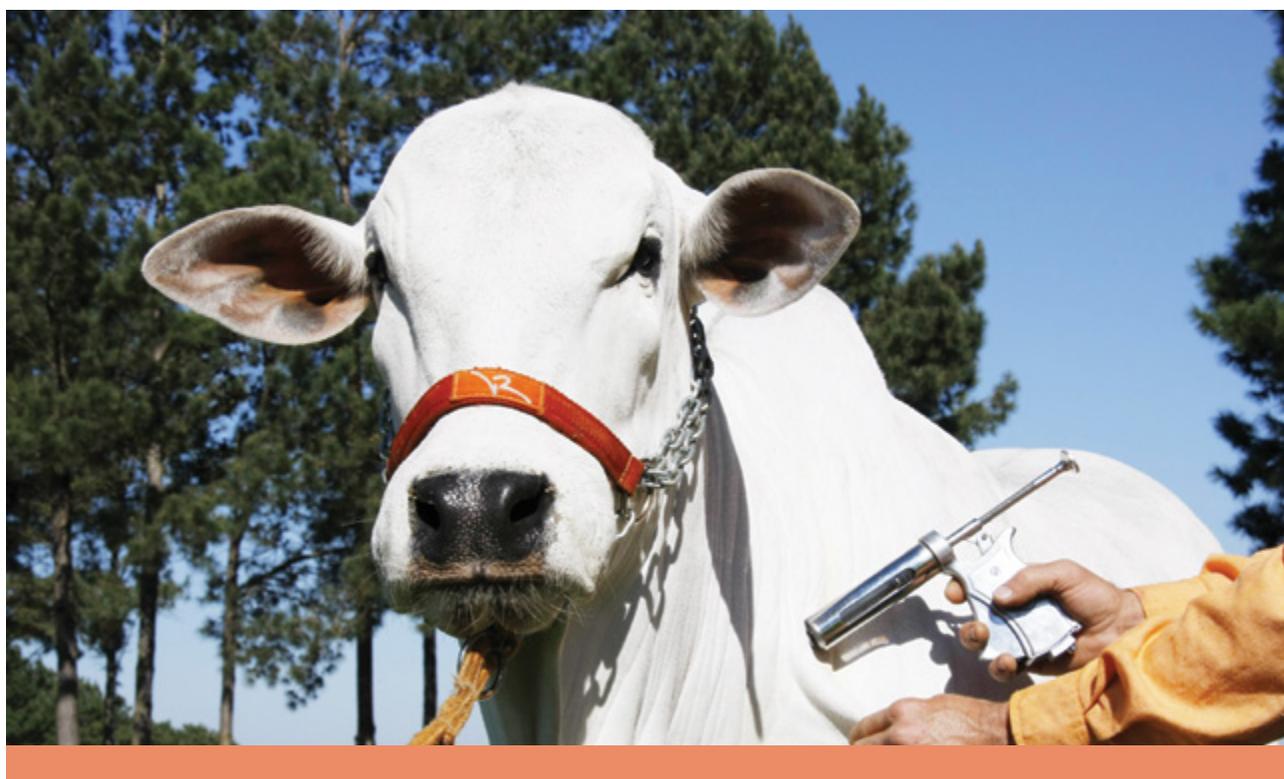
Essa percepção vai ao encontro da visão do pesquisador Juliano de Almeida, da Fapa. “Antigamente o volume de farinha de centeio era pequeno. Devido a questão de alimentos saudáveis o interesse pelo centeio está aumentando bastante”, avalia. Segundo ele, a cooperativa Agrária, localizada em Guarapuava, na região Centro-Sul, processa cerca de 500 toneladas por ano do cereal. “A quantidade é pequena, mas faz parte do nosso portfólio de farinhas”, explica.

De acordo com Almeida, para garantir o abastecimento da matéria-prima, a Agrária realizou um trabalho de fomento e incentivo da cultura do centeio, pagando uma bonificação aos cooperados. “Este será o terceiro ano que estamos conseguindo um volume de produção para moer no moinho da cooperativa produzido pelos próprios cooperados, sem precisar comprar de fora”, avalia.

Mas o que pesa mesmo na liderança paranaense é a questão cultural. “A região de colonização dos ucranianos e poloneses cultiva muito centeio principalmente para consumo interno”, avalia Almeida.

Hora de proteger o rebanho e dar adeus à vacina

Campanha que começa no dia 1º de maio pode ser uma das últimas contra febre aftosa no Paraná, que deseja se tornar área livre da doença sem vacinação



Neste dia 1º de maio começa mais um período para a vacinação de bovinos e bubalinos contra a febre aftosa. Nesta etapa devem ser vacinados os animais com idade até 24 meses, e em novembro, num segundo momento, todo o rebanho. Esta campanha pode estar entre as últimas de vacinação obrigatória, uma vez que o Estado reivindica o status de território livre de febre aftosa sem vacinação. Este é um pleito antigo encampado pelo setor produtivo paranaense, representado pela FAEP, Organização das Cooperativas do Estado do Paraná (Ocepar), Secretaria Estadual de Agricultura e Abastecimento (Seab) e Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado do Paraná (Fetaep) e apoiado por outras centenas de entidades.

Mais especificamente, o Estado pleiteia a antecipação do seu reconhecimento como zona livre da doença sem vacinação pela Organização Mundial de Saúde Ani-

mal (OIE). O Programa Nacional de Erradicação de Febre Aftosa (PNEFA), do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), coloca o Paraná em um bloco com outras 11 unidades da federação (Bahia, Espírito Santo, Goiás, Minas Gerais, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Rio de Janeiro, Sergipe, Tocantins São Paulo e o Distrito Federal), que se tornariam livres da doença sem vacinação apenas em 2023.

Porém, este é um horizonte muito distante da vontade dos pecuaristas e da capacidade do Paraná de estruturar sua defesa sanitária animal. Desta forma, a proposta paranaense é tornar-se uma zona independente neste processo, sem precisar esperar a estruturação de outros Estados, para retirar a vacinação obrigatória já em 2020. “No melhor cenário teríamos a campanha [de vacinação] de maio de 2018, novembro deste ano e a última seria em maio de



Ronei Volpi: Paraná em ótimas condições para o fim da vacinação

2019. Então até setembro daquele ano o Ministério da Agricultura apresenta essa solicitação à OIE, que irá decidir se reconhece nosso status de área livre de aftosa sem vacinação”, explica o diretor executivo do Fundo de Desenvolvimento da Agropecuária do Estado do Paraná (Fundeppec), Ronei Volpi.

Segundo ele, o Paraná está bem estruturado para receber a chancela da Organização Mundial. “Hoje não há Estado brasileiro em melhores condições de entrosamento dos setores público e privado para alcançar essa meta, que é perseguida pelo menos há 40 anos, quando iniciamos a campanha de erradicação da febre aftosa”, garante Volpi.

Um dos pontos chave para o fortalecimento da defesa sanitária paranaense é a participação efetiva do setor privado no processo. A FAEP encampou diversas lutas neste campo, que tiveram bons resultados, como a criação do Fundo Garantidor Sanitário e do Fundeppec na década de 1990, do Conselho Estadual de Sanidade Agropecuária (Conesa), com finalidade de orientar as políticas de defesa agropecuária no Paraná, e mais recentemente os Conselhos de Sanidade Agropecuária (CSA) e a Agência de Defesa Agropecuária do Paraná (Adapar), criadas na primeira gestão do ex-governador Beto Richa por sugestão da FAEP.

Segundo a médica veterinária Ariana Weiss Sera, coordenadora do departamento técnico do Sistema FAEP/SENAR-PR, é fundamental o incentivo às ações voltadas à elevação do status sanitário. “O Sistema FAEP participa de forma ativa nesse processo, tanto por meio de ações interinstitucionais, por exemplo o Fundeppec, quanto educacionais, que envolvem os CSAs”, afirma.

Com a conquista do status internacional de zona livre de febre aftosa sem vacinação, o Paraná poderá disputar novos mercados, que pagam mais pela qualidade da carne. Hoje, esses possíveis clientes da proteína brasileira, como o Japão, são inacessíveis por conta do nosso status sanitário. Mais do que a carne bovina, o reconhecimento da OIE

traria benefícios para todas as cadeias de proteína animal e também para produtos de origem vegetal. “Esse reconhecimento é um atestado de que temos um sistema de defesa altamente eficaz e robusto”, observa Volpi. A medida traria grandes benefícios para a cadeia da suinocultura, uma vez que o Paraná possui o maior rebanho do país com 7,1 milhões de cabeças, segundo dados de 2016 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Para atingir as condições de infraestrutura necessárias para pleitear essa nova condição, o serviço de defesa sanitária paranaense precisa proteger suas divisas com o Mato Grosso do Sul e São Paulo, uma vez que Santa Catarina já é considerado território livre de aftosa sem vacinação. As fronteiras com o Paraguai e a Argentina são de responsabilidade do governo federal.

Neste ponto, mais uma vez, a boa relação do poder público com o setor privado trouxe contribuições. Por meio de uma parceria com uma empresa concessionária de rodovias, a Adapar recebeu dois novos postos de fiscalização na fronteira com o Mato Grosso do Sul. Ao todo são necessários 33 postos para controlar a entrada de animais, sendo que 28 já estão construídos. Outros dois estão em fase de construção em Santa Mariana e em Ribeirão Claro. Outro, que será alocado na BR-116, uma via de alto tráfego, que exige um planejamento maior, está em fase de projeto, devendo ficar pronto nos próximos 180 dias. Também existem dois postos que operam de forma integrada com a Companhia Integrada de Desenvolvimento Agrícola de Santa Catarina (Cidasc).

Cuidados com a vacinação



Vacinar dentro do período estabelecido;



Adquirir vacinas somente em revendas autorizadas;



Conservar a vacina em temperatura correta (entre 2º a 8ºC) até o momento da aplicação;



Aplicar a dose, no músculo ou embaixo da pele na região da tábua do pescoço;



Utilizar agulhas e seringas em bom estado e limpas;



Manejar os animais com o mínimo de estresse e nos horários mais frescos do dia.

Técnicos qualificados para turbinar a pecuária de corte estadual

A partir do treinamento do Pecuária Moderna, profissionais foram capacitados no CTA de Ibiporã para colocar em prática os conhecimentos em propriedades da região

Por Antonio C. Senkovski



A região Norte do Estado tem passado por uma transformação na bovinocultura de corte. Com a finalização de uma turma de 31 técnicos do treinamento Pecuária Moderna, um time de especialistas está capacitado para turbinar a produção de carne nas propriedades da região. Apesar da heterogeneidade no perfil dos profissionais, o entusiasmo entre o grupo é unânime. Mais,

todos já estão implantando práticas que aprenderam em temas como gestão, manejo, reprodução, alimentação, manejo de pastagens, entre outros.

O curso tem um total de 10 módulos a serem cumpridos, com 16 horas cada um, totalizando 160 horas. Os professores, escolhidos de forma criteriosa, são sempre as principais referências do mercado em suas áreas.

As turmas são formadas por veterinários, zootecnistas e engenheiros agrônomos. Eles são o público-alvo justamente para turbinar a assistência técnica demandada pelos pecuaristas. Assim, a transformação da pecuária começa a ser cada vez mais disseminada no cotidiano, durante a prestação de serviços de assistência técnica nas mais diversas propriedades em que eles atuam. No caso de Ibiporã, as aulas começaram no início do segundo semestre de 2017 e estão terminando agora.

Com a empolgação de quem está prestes a experimentar o primeiro pedaço de carne do churrasco, o engenheiro agrônomo Fábio Lima tem na ponta da língua os números da propriedade de 700 hectares, sendo 390 dedicados ao agronegócio e o restante reserva ambiental, que serviu de estudo de caso para o seu projeto. No total, a propriedade localizada em Faxinal, na região Norte, tem 50 hectares de lavouras e 340 hectares dedicado a pastagem. “Já chegamos a ter 480 cabeças em 2016, mas com a quebra que tivemos na soja, foi necessário diminuir 25% do rebanho para cerca de 360 cabeças”, revela o profissional.

O projeto de Lima desenvolvido ao longo do Pecuária Moderna, por exemplo, está em fase final e envolve principalmente a implantação de um regime diferenciado no sistema Integração Lavoura-Pecuária (ILP). De forma piloto, na próxima safra será plantada soja onde hoje há pastagem em 35 hectares. E em uma área de 45 hectares da oleaginosa será semeada pastagem. “Nossa intenção é melhorar a oferta de alimento aos animais o ano inteiro. Queremos sair da monocultura da soja e implementar essa integração, investindo também em semeadura de aveia para pastoreio pensando nos meses de inverno e evitar perdas nutricionais do rebanho”, comenta.

Para o profissional, um dos aspectos mais importantes do curso é o desenvolvimento em relação à gestão. “Esse ponto merece um acompanhamento mais de perto, pois o que temos é uma fábrica de produzir carne todos os dias. O animal que não está tendo conversão e rendendo adequadamente acaba sendo prejuízo. Ou seja, é necessária uma abertura por parte dos proprietários para mudarmos a cultura do negócio. Só assim vamos avançar em metas, gerar números e melhorar a



Vinicius Guimarães aplica o projeto desenvolvido no curso em uma fazenda de Alto Paraná

qualidade e a rentabilidade do nosso produto”, diz Lima.

O zootecnista Vinicius André de Pietro Guimarães, da Emater em Alto Paraná, na região Noroeste, também participou do curso em Ibiporã. Ele aplicou o projeto em uma fazenda de Paraíso do Norte, justamente pelo fato de o pecuarista já ter um histórico de apostar em novas tecnologias para melhorar seus índices. “Sinto que ter participado do curso tornou possível a atualização de conhecimento para sermos capazes de levar aos produtores uma pecuária mais moderna, técnica, econômica e ambientalmente correta”, aponta. “No meu dia a dia, já estou implantando novidades nas propriedades dos pecuaristas que atendo”, completa.

Guimarães enfatiza também o fato de o curso proporcionar uma troca de conhecimentos entre os profissionais, algo difícil na rotina de campo. “Na nossa turma, enquanto trabalhávamos conceitos visando eficiência, zootecnistas, veterinários, agrônomos, enfim, todos compartilhavam suas leituras sobre nutrição, ge-



abrir a mente para processos modernos que envolvem todas as etapas da cadeia produtiva da pecuária de corte. Isso é muito importante porque nossa região tem uma pecuária forte e com capacidade para se desenvolver bastante”, aponta.

Produtores na expectativa

Rogério Pivato, pecuarista e presidente do Sindicato Rural de Querência do Norte, abriu sua propriedade para um dos projetos de conclusão do Pecuária Moderna, no caso, do zootecnista Vinícius Guimarães. A iniciativa está em fase de implantação e a expectativa de Pivato é que os frutos comecem a apa-

nética, sanidade, entre outros. E sabemos que cada profissional tem algo a acrescentar. Esse intercâmbio foi algo que marcou”, ressalta.

Benefício este também percebido por Clovis Rene Glaeser, zootecnista da Emater de Jerônimo da Serra, na região do Norte Pioneiro. Ele avalia ainda que a participação no programa permitiu levar o que há de mais de novo para os pecuaristas da região onde atua. “Foi uma chance única de debater com colegas da área e

receber em breve na propriedade de 300 hectares, que abriga 400 cabeças. “A proposta envolve mudanças em relação à pastagem, manejo e nutrição. Nós esperamos que com a implantação venham melhoras nos índices e avaliando para definir as melhores estratégias em cada situação”, revela. “Estou sempre procurando avançar na atividade, porque quem não se atualizar para praticar uma pecuária moderna não vai conseguir se manter na atividade”, complementa.

O que é o Programa Pecuária Moderna?

O Plano Integrado de Desenvolvimento de Bovinocultura de Corte no Paraná foi lançado em 2015, pelo Sistema FAEP/SENAR-PR em parceria com o governo do Estado e outras entidades, com o objetivo de desenvolver a pecuária de corte por meio de ações de capacitação, difusão de informações e organização do setor. No total, 100 alunos já foram envolvidos entre concluintes e participantes que estão fazendo os cursos. Até agora, já houve turmas em Paranavaí, Guarapuava, Santo Antônio da Platina, Cascavel, Ibiporã e Ponta Grossa.

O programa envolve todos os segmentos da cadeia produtiva: produtores rurais, assistência técnica, extensão rural, pesquisa, ensino e indústria. A autossuficiência na produção de bezerros, sanidade animal, como uma área livre de febre aftosa sem vacinação, a melhoria de índices zootécnicos e qualidade das pastagens, além de uma remuneração maior na atividade, fazem parte das propostas que contemplam o Programa.

Apoio ao agronegócio

Em uma visita à FAEP, em Curitiba, no dia 17 de abril, o deputado federal Ricardo Barros se comprometeu, mais uma vez, a apoiar projetos para o desenvolvimento do agronegócio paranaense e nacional. O presidente da Federação, Ágide Meneguette, e o diretor financeiro, João Luiz Rodrigues Biscaia, receberam o político, que, após sua saída do Ministério da Saúde no fim do mês passado, reassumiu a cadeira na Câmara dos Deputados. Com sua volta às atividades parlamentares, em Brasília, o deputado lembrou que as portas estão sempre abertas para o diálogo e a construção coletiva junto aos produtores rurais das melhores soluções aos problemas enfrentados no dia a dia do campo.



Um século de agronomia

A qualificação do agronegócio paranaense, referência para o mundo, tem ligação direta com o trabalho da Escola de Agronomia do Paraná. A instituição, vinculada à Universidade Federal do Paraná (UFPR), completou 100 anos de existência no início de abril. Para marcar a data, um evento no Setor de Ciências Agrárias da UFPR reuniu diferentes gerações de professores, pesquisadores, engenheiros agrônomos, formandos, funcionários, entre outros homenageados. No início, o curso tinha duas opções: três anos para obter o título de agrônomo e quatro para engenheiro agrônomo. A primeira turma teve cinco alunos. Hoje, o curso de agronomia da Federal tem

cinco anos de duração e recebe 132 calouros por ano, com um total de 669 alunos matriculados.



Criação de bezerras leiteiras em debate

Curitiba sediou, entre os dias 10 a 12 de abril, o Simpósio do Leite Integral, que reuniu tudo o que há de mais avançado em relação aos sistemas de criação de bezerras para a bovinocultura de leite. A iniciativa reuniu na programação palestrantes referências nacionais e internacionais na atividade. Entre os temas estiveram assuntos como a escolha da melhor genética, cuidados pré e pós-parto, tecnologias para se ter melhor expressão do potencial genético das bezerras, nutrição, entre outros. O Sistema FAEP/SENAR-PR apoiou o evento e contou com um estande no espaço do simpósio. Nele, os participantes podiam tirar

dúvidas sobre a produção de leite e também saber como participar dos cursos oferecidos pelo SENAR-PR.



PELOS DIREITOS DOS NEGROS

**Movimento
Panteras Negras
surgiu em
1966 nos
Estados Unidos
como resposta
à violência
policia e logo
ganhou prestígio
nacional**

Nos Estados Unidos da década de 1960, a relação entre negros e brancos passou por mudanças profundas. Em 1964, o presidente Lyndon Johnson aprovou a Lei dos Direitos Civis, tornando ilegais práticas segregacionistas existentes há décadas. Mesmo assim e com vários movimentos civis lutando pelos direitos dos negros, ações e atitudes racistas ainda eram comuns.

Nesse contexto combativo, em 15 de outubro de 1966, os ativistas Huey Newton e Bobby Seale fundaram o Partido dos Panteras Negras para Autodefesa na cidade californiana de Oakland. Eles se conheceram em ações estu-

dantis por igualdade racial na Faculdade Comunitária de Merritt. A pantera foi escolhida como símbolo porque só ataca quando acuada – o felino já era usado como símbolo por militantes do Alabama, que pretendiam promover candidatos negros fora do núcleo republicano/democrata. Inicialmente, o grupo tinha a ideia de combater problemas racistas específicos de Oakland, como a brutalidade policial.

Mas eles não queriam proteger só a própria etnia. Amparados no marxismo como forma de libertação, os Panteras buscavam defender outros grupos oprimidos pelo capitalismo, como a





Os fundadores do movimento Huey Newton e Bobby Seale

classe trabalhadora. No programa de dez pontos do grupo, uma das exigências era o “fim do roubo capitalista sobre as comunidades negras”.

Embora chamado de “partido”, o grupo foi uma organização não política, que optava por ações diretas em vez de atuar no parlamento. O primeiro movimento de proteção contra a investida policial de Oakland foi a criação de patrulhas que fiscalizavam a ação dos agentes nas comunidades negras. Geralmente usando roupas pretas, boinas e óculos de sol, os integrantes faziam as rondas armados, amparados pela Constituição e por leis da própria Califórnia.

Nos anos seguintes, as patrulhas armadas e os protestos organizados resultaram em confrontos diretos com a polícia de várias cidades do país – 15 policiais e 34 Panteras morreram entre 1966 e 1970. Mesmo assim, o partido ganhou prestígio entre a comunidade negra e os movimentos de esquerda, abrindo escritórios em 68 cidades como Nova York, São Francisco e Chicago e afiliando cerca de 2 mil membros até 1969.

O FBI, conhecido por atuar contra movimentos que representassem uma ameaça ao Estado, agiu com severidade contra os Panteras. O órgão de investigação usou o programa clandestino Cointelpro para neutralizar o grupo. Os métodos incluíam a infiltração de agentes para sabotar e criar conflitos internos, a disseminação de mentiras à imprensa e a prisão e/ou o assassinato de líderes em batidas policiais forjadas. Ainda no início da década de 1970, os Panteras já haviam perdido muitos afiliados, influência e força no país.

A mudança de cenário fez com que o movimento

abandonasse as táticas de confronto e se voltasse à política convencional. Em 1972, as poucas filiais remanescentes se deslocaram a Oakland a fim de ajudar na candidatura de Bobby Seale para a prefeitura. Mas ele perdeu e, com a derrota, o partido se viu frente a uma série de expulsões lideradas por Huey Newton, que passou a comandar o grupo sozinho após a saída de Seale em 1974.

Ao longo da década de 1970, o partido continuou a perder membros, enquanto focava sua energia em atividades mais discretas em prol das comunidades negras. Mas, com apenas 27 membros em 1980, os Panteras se mantiveram ativos por mais dois anos, quando a última base do movimento, em Oakland, foi fechada após ser revelado que Newton desviava recursos do grupo para financiar sua relação com as drogas.



Por dentro dos Sindicatos

Técnicos e supervisores do Sistema FAEP/SENAR-PR estão percorrendo o Estado para levantar informações para o Programa de Sustentabilidade Sindical



Técnicos do Sistema FAEP/SENAR-PR reuniram informações após visita ao Sindicato Rural de Chopinzinho

Desde o início de abril, técnicos e supervisores do Sistema FAEP/SENAR-PR estão percorrendo todas as regiões do Estado em visitas aos Sindicatos Rurais. O giro estadual faz parte da segunda etapa do Programa de Sustentabilidade Sindical, que busca debater soluções conjuntas para fortalecer o sistema associativo e melhorar a prestação de serviços aos produtores rurais paranaenses.

Durante o mês, mais de 40 sindicatos foram visitados, dentro de um universo de 138 que se inscreveram para participar do levantamento. Nos encontros, os profissionais do Sistema FAEP/SENAR-PR conversam com os presidentes, dirigentes e/ou colaboradores para fazer um diagnóstico da entidade.

“Essas visitas irão permitir a construção de um novo sistema, voltado para enfrentar os desafios atuais e futuros encontrados no campo. Com certeza, com essas informações em mãos poderemos traçar importantes estratégias”, diz o presidente do Sistema FAEP/SENAR-PR,

Ágide Meneguette.

Quando as 138 visitas terminarem, com previsão no mês de junho, as informações serão reunidas e, esse conjunto de dados irá permitir identificar o real potencial de atendimento e prestação de serviços dos sindicatos.

“Terminado o levantamento, teremos um quadro de ações à disposição dos sindicatos. E o SENAR-PR irá atuar diretamente na capacitação dos colaboradores.”, aponta o superintendente do SENAR-PR, Geraldo Melo Filho.

Apresentação

Ao logo do mês de março, a diretoria da FAEP e a superintendência do SENAR-PR realizaram sete encontros com produtores, colaboradores e representados dos sindicatos rurais em diversas regiões do Estado para debater soluções conjuntas para fortalecer o sistema associativo.

Os primeiros ocorreram nos dias 21 e 22 em Man-

daguaçu (região Norte) e Ibiporã (Norte Pioneiro). Na semana seguinte foi a vez de Umuarama (Noroeste), Assis Chateaubriand (Oeste) e Pato Branco (Sudoeste), nos dias 26, 27 e 28 de março, respectivamente. No dia 3 de abril, o encontro ocorreu em Ponta Grossa (Campos Gerais), e, no dia seguinte, como encerramento, na sede do Sistema FAEP/SENAR-PR, em Curitiba.

Confira as cidades visitadas pelos técnicos do Sistema FAEP/SENAR-PR no mês de abril:

.....

Cafelândia, Nova Aurora,
Loanda, Santa Izabel do Ivaí,
Assis Chateaubriand,
Nova Londrina, Corbélia,
Terra Rica, Palotina,
Paranavaí, São João do Caiuá,
Chopinzinho, Jacarezinho,
Juranda, Ribeirão Claro,
Coronel Vivida, Nova Esperança,
Paranacity, Carlópolis,
Cambará, Colorado,
Mangueirinha, Ribeirão do Pinhal,
Jaguapitã, Sabáudia,
Bandeirantes, Palmas,
Santa Mariana, Irati, Rio Azul,
Prudentópolis, Pinhão, Ivaí,
Laranjeiras do Sul, Imbituva,
Guarapuava, Teixeira Soares,
Paula Freitas, Bituruna e
São João do Triunfo.

.....



Cafelândia



Cambará



Colorado



Carlópolis

Agro entra na era transdisciplinar

Para a presidente da Embrapa Informática, Silvia Massruhá, agropecuária evoluiu para a terceira onda de inovação, que exige mudanças na estrutura do campo



Nas últimas décadas, o agronegócio se tornou o grande protagonista da economia brasileira. Essa história é marcada por períodos-chave, detalhados pela presidente da Embrapa Informática, Silvia Massruhá, em entrevista ao Boletim Informativo. Da revolução verde, nos anos 1960, até os dias atuais, muita coisa mudou. Mas uma coisa continua fazendo a diferença: o empenho dos produtores rurais em busca de qualificação para superar novos desafios.

Confira a visão da especialista sobre o que está em jogo na agricultura moderna e como se preparar para aproveitar a nova onda de inovações, que tem mudado as estruturas do trabalho no campo.

BI: Quais foram os momentos-chave para o desenvolvimento do agronegócio brasileiro?

SM - Nós tivemos três grandes ondas da agricultura moderna. Entre 1960 e 1990 a revolução verde, dos

sistemas de monoculturas, a parte dos fertilizantes. A partir disso fomos para o plantio direto, que permitiu o primeiro impulso da agricultura, passando o Brasil de importador de alimentos para o grande produtor e exportador de grãos, frutas e carnes. A segunda onda, que estamos passando agora, chamada de sistemas integrados, inclui, por exemplo, a Integração Lavoura-Pecuária-Floresta (ILPF). Ou seja, trabalhamos não só com a monocultura isolada, mas com vários sistemas integrados, de forma multidisciplinar, no sentido de ganhar mais resiliência do solo, conseguir produzir de maneira mais sustentável.

Uma terceira onda, já encontrada no campo, é uma agricultura que começou a ser praticada, mais baseada em insumos biológicos. Cada vez mais essa onda envolve sistemas complexos, que nós chamamos de transdisciplinares, com a convergência de várias tecnologias, como nanotecnologia, biotecnologia, tecnologia da informação, computação cognitiva, inteligência artificial e tudo isso.

Como é possível conhecer o que está envolvido nessa terceira onda?

Cada vez mais esses sistemas complexos geram dados e informações para agregar no processo agrícola. Por outro lado, temos um

processo de revolução na indústria (quarta revolução industrial) de grande transformação impactada pela era digital. Novas tecnologias estão surgindo e, de forma direta, mudando os modos de vida das pessoas e do trabalho em vários setores da economia. E na agricultura não é diferente. Cada vez mais temos que incorporar essas tecnologias para agregar valor no processo de produção agrícola.

De que forma isso impacta na rotina de quem trabalha com o agrogócio?

Na verdade, em todo o processo de produção já tem essas tecnologias atuando, como sequenciadores automáticos, gerando dados, genomas, que estão sendo usados em programas de melhoramento genético. Só que cada vez mais o trabalho envolve dados e informações, ou seja, o produtor precisa de algoritmos que ajudem a elaborar e gerar, de forma inteligente, esses dados, em todas as etapas da produção. A tecnologia da informação e comunicação, cada vez mais, tem um papel estratégico e transversal. Ela pode ser a mola propulsora que ajuda a integrar e trabalhar com toda essa convergência tecnológica.

E como fazer com que esses dados sejam úteis aos produtores na tomada de decisão?

O produtor tem que ser o principal beneficiário de tudo isso. Ele pode, por exemplo, aumentar o rendimento agrícola usando essas informações. A gente sabe que os produtores tomam mais de 200 decisões por dia. Essas ferramentas têm que ajudar nesse processo de apoio à tomada de decisão. Algo que pode ajudar nesse processo é a 'internet das coisas'.

O que é a 'internet das coisas' e por que é útil?

Do ponto de vista tecnológico também tivemos ondas: a primeira da tecnologia, informação e comunicação, em meados dos anos 1990, ou seja, a internet comercial da nossa casa e trabalho; depois a segunda onda, da internet móvel, acesso pelo smartphone; e a terceira é a da internet das coisas. A internet das coisas é diferente, não é essa mesma internet que estamos acostumados. Ela remete a uma interação de dados. É justamente o que vai possibilitar essa troca de dados e informações entre diferentes dispositivos e agregar esses dados, fazer com que virem informação capaz de melhorar o rendimento aos produtores, diminuir o custo com insumos, defensivos agrícolas, a questão de desperdício de alimentos em toda a cadeia de suprimentos e também contribuir com o consumidor final.

E sobre a agricultura 4.0, o que é esse termo e para que servem os conceitos dessa corrente?

A agricultura 4.0 tem muita influência da nova onda de desenvolvimento da indústria alemã. Ela traz o impacto da transformação digital no processo de produção industrial. Trazendo isso para a agricultura, a gente está falando de uma agricultura mais conectada, mais baseada em uma tecnologia de ponta e também mais apoiada em conteúdo digital.

Como levar essa revolução digital a mais produtores rurais?

Temos o grande desafio da conectividade no campo. O Brasil é um país muito extenso, com dificuldade para ter conexão em todos os lugares. Mas temos propostas

de redes de baixa frequência no campo para trabalhar com a troca de informações entre os diversos dispositivos. Com esses dados processados, eles precisam chegar ao conhecimento do produtor para que as melhores decisões sejam tomadas. Também haverá dados recebidos pela internet, de mercado, de clima. Então ele agrega tudo isso para tomar a decisão.

Essa nova onda exige novos profissionais. Estamos prontos para dar o próximo passo?

Esse é um segundo desafio. O primeiro é a conectividade. O outro é justamente recursos humanos. Na verdade, dizemos que teve uma evasão dos trabalhadores do campo para a cidade, e agora essa questão da tecnologia pode ser um atrativo para levar e/ou manter pessoas no campo, inclusive as novas gerações. Porque o perfil vai mudar. O pessoal será capacitados para trabalhar com essas novas tecnologias. Muda o perfil do trabalhador no campo, pois a exigência é que seja capacitado para isso. Quer trabalhar no campo? Vai ter que estudar.

O produtor também precisa olhar com uma nova perspectiva com relação ao modo como encara a atividade?

De modo geral, o produtor é tradicional, quer dizer, tem modelo de trabalho que se está produzindo bem há resistência em investir em novas tecnologias. Mas existem vários tipos de profissionais, além do país ser muito diverso. De uns anos para cá, os próprios produtores têm demandado novas tecnologias. Além do fato que os sucessores que assumem as propriedades querem modernizar as gestões, com ferramentas fáceis de usar no celular.



UMUARAMA

BOVINOCULTURA DE LEITE

O Sindicato Rural de Umuarama, a Secretaria de Agricultura do município e a Sociedade Rural local realizaram, nos dias 12 e 13 de março, o curso Trabalhador na Bovinocultura de Leite - avaliação da conformação ideal de vacas leiteiras. Na ocasião, o instrutor Newton Jodas Gonçalves capacitou 10 pessoas.



RONDON

MECÂNICO DE TRATORES

O curso Mecânico de Tratores e Máquinas Pesadas Motor Valtra reuniu 10 pessoas na cidade de Rondon, entre os dias 8 e 12 de janeiro, com promoção do Sindicato Rural de Rondon. Na ocasião, o instrutor foi Marcio Vessoni Domingues.



TERRA ROXA

APLICAÇÃO DE AGROTÓXICOS

Trabalhador na Aplicação de Agrotóxicos - norma regulamentadora 31.8 foi o curso promovido pelo Sindicato Rural de Terra Roxa, entre os dias 9 e 14 de abril. Na ocasião, o instrutor foi Paulo Roberto Marchesan e participaram 12 pessoas.



PALOTINA

CULTIVO DE GRÃOS E OLEAGINOSAS

Entre os dias 31 de agosto de 2017 e 27 de março de 2018, 15 pessoas realizaram o curso Trabalhador no Cultivo de Grãos e Oleaginosas – soja MIP – inspetor de campo em manejo integrados de pragas, com o instrutor Paulo Roberto Marchesan. A promoção do curso foi do Sindicato Rural de Palotina.



PONTA GROSSA

ORDENHADEIRA MECÂNICA

O Sindicato Rural de Ponta Grossa promoveu, entre os dias 9 e 14 de abril, o curso Trabalhador na Operação e na Manutenção de Ordenhadeira Mecânica - ordenhadeira mecânica. O instrutor Itamar Cousseau capacitou 12 pessoas.



GUARAPUAVA

APLICAÇÃO DE AGROTÓXICOS

O Sindicato Rural de Guarapuava realizou, entre os dias 11 e 13 de abril, o curso Trabalhador na Aplicação de Agrotóxicos - norma regulamentadora 31.8. O instrutor Arfélio Cagnini capacitou 16 pessoas.



JUSSARA

MECÂNICO DE TRATORES

O Sindicato Rural de Cianorte realizou o curso Mecânico de Tratores e Máquinas Pesadas - elétrica automotiva básica, entre os dias 23 e 28 de fevereiro, para 10 pessoas. O instrutor da capacitação foi Darlan Cavalero.



CAMPINA DA LAGOA

PROGRAMA AGRINHO

O Sindicato Rural de Campina da Lagoa realizou a capacitação de oito horas do Programa Agrinho - histórico, metodologia e regulamento, no dia 3 de abril. A instrutora Ethiene Serrano Alves trabalhou o conteúdo com 21 pessoas.

VIA RÁPIDA

Fato raro

A chácara Gralha Azul, na Colônia Terra Nova, no município de Castro, nos Campos Gerais, registrou um fato raro no início de abril. A equipe da propriedade acompanhou o nascimento de três novilhas fêmeas de parto normal. De acordo com a Associação Brasileira de Criadores de Bovinos da Raça Holandesa (ABCBRH), o ocorrido é algo inédito no Estado.



Cidade dos Loucos

A cidade de Barbacena, no Estado de Minas Gerais, ganhou esse título em 1903 porque, na época, sete instituições psiquiátricas foram inauguradas no município. As estâncias de clima ameno eram vistas como propícias para o tratamento de doenças mentais.



Mulheres no céu

Chegaram 100 mulheres no céu e Deus disse:
- Quem já mexeu no celular do marido escondido chegue mais perto.
99 das mulheres se aproximaram, só uma ficou.
E Deus disse:
- Traga a surda também!

Big Brother religioso

O Vaticano tem seu próprio Big Brother. O túmulo do Papa João Paulo II possui uma webcam ligada 24 horas por dia, que transmite o local pela internet. O nome real do pontífice é Karol Józef Wojtyła, apesar que no Vaticano é conhecido como Giovanni Paolo II (italiano). João Paulo II foi o papa antes de Bento XVI, que foi sucedido pelo atual papa Francisco. Vale lembrar que o Vaticano é uma monarquia e o papa é um rei.



Tesouro perdido

Em janeiro deste ano, Luca Malaschnitschenko, um garoto de 13 anos, e o arqueólogo amador René Schön descobriram um tesouro que pode ter pertencido ao rei Harald “Dente azul”, que introduziu o cristianismo na Dinamarca. O ‘baú’ contém centenas de peças, pérolas, um martelo, escovas e anéis. O feito ocorreu em um campo próximo a Schaprode, na ilha de Rügen, no Mar Báltico. As autoridades locais deram sequência à escavação do tesouro.



Pesquisa da alegria

Uma pesquisa britânica realizada com 2 mil adultos do Reino Unido apontou coisas simples que deixam as pessoas felizes e de bom humor:

- Descobrir R\$ 50 no bolso de um casaco;
- Ganhar uma competição;
- Receber um reembolso ou desconto;
- Economizar dinheiro nas contas de casa;
- Encontrar um bilhete de loteria premiado de R\$ 30;
- Comprar um produto e descobrir que o preço caiu;
- Emagrecer 200 gramas;
- Encontrar dinheiro num caixa automático;
- Não acordar com ressaca depois de encher a cara.



UMA SIMPLES FOTO



Bacon

O bacon, além de gostoso, não é o terror que muitas pessoas descrevem. Confira algumas curiosidades sobre o alimento:

- bacon é uma carne de porco curada, ou seja, uma peça salgada e defumada;
- chineses desenvolveram o método para prepará-lo há cerca de 4 mil anos;
- compostos de nitrogênio são responsáveis pelo odor característico do bacon na chapa;
- o corte é rico em sal e a gordura, ingredientes que acentuam os gostos dos alimentos;
- duas fatias fritas equivalem a 86 calorias, 10% da quantidade diária recomendada de gordura saturada.



Agora, você também pode acompanhar **24 horas por dia** o que o Sistema FAEP/SENAR-PR está fazendo.

Siga nossas redes sociais



Facebook
Sistema Faep



Instagram
sistema.faep



Twitter
SistemaFAEP



Linkedin
sistema-faep



Flickr
SistemaFAEP

SISTEMA FAEP



Acesse a versão digital deste informativo:

sistemafaep.org.br

• FAEP - R. Marechal Deodoro, 450 | 14º andar | CEP 80010-010 Curitiba-PR | F. 41 2169.7988 | Fax 41 3323.2124 | sistemafaep.org.br | faep@faep.com.br

• SENAR-PR - R. Marechal Deodoro, 450 | 16º andar | CEP 80010-010 Curitiba - PR | F. 41 2106.0401 | Fax 41 3323.1779 | sistemafaep.org.br | senarpr@senarpr.org.br

Siga o Sistema FAEP/SENAR-PR nas redes sociais



Endereço para devolução:

Federação da Agricultura do estado do Paraná
Av. Marechal Deodoro, 450 - 14º andar
CEP 80010-010 - Curitiba - Paraná

EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS



- | | |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> Mudou-se | <input type="checkbox"/> Falecido |
| <input type="checkbox"/> Desconhecido | <input type="checkbox"/> Ausente |
| <input type="checkbox"/> Recusado | <input type="checkbox"/> Não Procurado |
| <input type="checkbox"/> Endereço Insuficiente | |
| <input type="checkbox"/> Não existe o nº indicado | |
| <input type="checkbox"/> Informação dada pelo porteiro ou síndico | |

REINTEGRADO AO SERVIÇO POSTAL

Em ___/___/___ _____
Em ___/___/___ _____ Responsável